

A IMPORTÂNCIA DO DELINEAMENTO DA PESQUISA NA CIÊNCIA BRASILEIRA

Saudades dos tempos vividos pelo notório filósofo francês Gaston Bachelard. Bachelard saía de sua sala de aula, onde ministrava a disciplina de Filosofia da Ciência na Universidade de Paris, a atual Sorbonne, e continuava a conversa sobre ciência em um pequeno restaurante em frente ao valoroso ambiente do conhecimento. Lá, o professor e seus alunos discutiam os pressupostos, elaboravam perguntas, faziam inúmeras hipóteses de trabalho e pensavam durante horas e horas a fio sobre os delineamentos das pesquisas, até conseguirem elaborar formas para responderem aos seus questionamentos. Esse período ocorreu na década de 1940 e perpetuou durante pelo menos 50 anos.

Mas por que este saudosismo? Porque, atualmente, o que mais se discute no meio científico é: “quantos *papers* você publicou este ano?”, “você é pesquisador produtividade?”, “quantos projetos você aprovou?”. Suspeito que há algo errado. Desta forma, começo a levantar alguns pressupostos para tal situação (e apenas para iniciar esta reflexão, vale lembrar que pressuposto é tudo aquilo que se supõem antecipadamente): a) possivelmente esta situação é decorrente da competitividade promovida pelos órgãos de fomento, ou... b) quanto mais artigos se publicar, independentemente da qualidade dos mesmos, mais dinheiro se terá para executar pesquisas. Pois bem, me pergunto: isso é fato ou é pressuposto? Considero que ambas afirmações são fatos. E diante deste fato, levanto a pergunta: Por que, então, perdemos a beleza da reflexão na ciência? Toda vez que se elabora uma pergunta, já se sugerem possíveis respostas, as quais são chamadas como Hipóteses de Trabalho. Proponho, então, para esta pergunta que a hipótese de trabalho seja: não há mais a liberdade e o prazer da socialização intelectual entre as pessoas.

Diante desta hipótese de trabalho, penso em como testar esta hipótese e começo a fazer experimentos mentais (copio este termo do maior pesquisador de todos os tempos, Albert Einstein). Imagino ambientes de socialização de uma universidade... geralmente, são os restaurantes universitários, ou em cantinas, ou nos pátios de descanso. Começo a relembrar o meu período de estudante, quando íamos à cantina da universidade com nossos orientadores, e discutíamos sobre os assuntos relativos ao projeto de pesquisa que estávamos executando e em seguida conversávamos sobre assuntos diversos, como política, saúde, educação, família etc., cada qual no seu devido momento. Comparo, mentalmente, com o que vejo nos dias atuais: vários alunos sentados à mesa, todos de cabeça baixa, olhando um aparelhinho que os enchem de informações, imagens rápidas, todos fazendo um “*to google*”. Na primeira situação, aprendíamos sobre diversos assuntos; na segunda também. O que há de diferente então? A reflexão socializada, o contato pessoal (e não virtual) e fundamentação dos conteúdos em um tempo muito, mas muito, mais lento do que vemos

¹ Bacharel e licenciada em Ciências Biológicas. Doutora em Ciências, área de concentração em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (2009). Professora adjunta de Bioestatística na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, professora permanente do Mestrado em Conservação e Manejo de Recursos Naturais e do Mestrado em Biociências e Saúde, ambos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

na atualidade. E diante deste primeiro resultado no meu experimento mental, faço uma analogia com uma estória (em outras palavras, converso e discuto com outros “autores”). A analogia é com a estória da construção das casas dos três porquinhos. Parece ridículo o que eu vou escrever, mas parto do princípio da parcimônia que nos diz para escolher a explicação científica mais simples que convenha com as evidências. Nessa estória são construídas três casas: uma de palha, outra de madeira e outra de tijolos; as duas primeiras são construídas rapidamente, com material fraco e com pouca sustentação, enquanto a última é construída com uma excelente fundação e com material forte. Qual é o fim desta estória? Aquelas que foram construídas em uma base frágil, sem uma boa fundação, despencam e se perdem. Aquela construída com boa fundação, se mantém perpétua.

Esta estória não é uma explicação científica, é claro, mas tem um princípio por trás. O conhecimento elaborado com ampla reflexão tende a manter-se íntegro, enquanto o conhecimento baseado na primeira página da pesquisa na internet tende a dissipar como partículas ao vento. E desta forma, podemos fazer uma nova discussão sobre a condição atual da ciência: partículas dissipadas ao vento, levadas aos quatro cantos do mundo, mas sem destino, sem importância, sem necessidade. É assim que estamos vivendo a ciência atualmente.

Desta forma, este editorial é um aclame para a volta da Ciência com qualidade e não de quantidade. É um aclame para a reflexão conjunta das etapas de um delineamento de pesquisa: Pressuposto ou Fato, Pergunta, Hipóteses, Experiências e Discussão! Todas estas etapas precisam ser discutidas face a face, com leitura e troca de ideias, mas sempre com períodos de reflexão, às vezes solitária, mas às vezes em uma mesa de um restaurante, diante da universidade e perante à sociedade.